



Os ibéricos. História, liberdade e literatura. Viagens pelo sublime, de Erivelto da Rocha Carvalho e Isaque de Carvalho

SÃO PAULO, NANKIN, 2016

Edvaldo A. Bergamo

Universidade de Brasília (UnB)

edvaldobergamo@unb.br

O que ainda dizer sobre povos e culturas pertencentes à Península Ibérica e/ou sobre povos e culturas que com tal território geo-histórico tenham um vínculo metaforicamente placentário, umbilical? Muita coisa! E de um jeito que problematiza certas convenções acadêmicas antiquadas, pela linguagem empregada, pela hibridização dos gêneros tradicionais de escrita, pelo tratamento refinado da relação História e Literatura, pela valorização da cultura na sua transversalidade, pela estima ao registro poético das impressões e das reflexões, pela aposta no conhecimento como experiência humanizadora. O prefaciador, Victor Leonardi, de imediato oferece a chave que abrirá as portas do entendimento da obra em tela: Nesse aspecto, este livro pertence ao gênero *récit de voyage* pois possui algo semelhante ao que foi feito por Goethe quando viajou pela Itália, por Eça de Queiroz no Egito, por Humboldt nos Andes e na Amazônia venezuelana, por Stephan Zweig no Brasil e por tantos outros escritores que, com talento e imaginação, conseguiram captar dimensões sutis e quase invisíveis da cultura do 'outro' (Carvalho & Carvalho, 2016: 09). A princípio pode parecer mais um livro da área de humanidades com foco na questão atemporal das identidades moventes, até porque os autores são



historiadores por formação e estão familiarizados com as teorias que agitaram tal campo de conhecimento no século XX. No entanto, o registro historiográfico está atravessado por uma série de fatores de ordem teórica, metodológica, cultural, estética que mostram uma produção intelectual a quatro mãos a qual procura evitar os rótulos redutores e adentrar novas paragens epistemológicas e ontológicas consequentes. Não que a obra não enverede de quando em quando por questões atinentes ao debate historiográfico *hard*, flertando com a magia do sentir/pensar da relação História e literatura, História e memória, arte e ciência. Para tanto, lança mão com certa regularidade das asserções de grandes estudiosos, eternos contemporâneos, como Mircea Eliade, Eudoro de Sousa, Agostinho da Silva, dentre outros, porém evita a sisudez do discurso monológico, submisso a uma orientação unilateral, preferindo a polifonia aglutinadora.

De imediato, cabe destacar o hibridismo de gêneros textuais que perpassa todo o livro, o que garante um ritmo de leitura agradável e recompensador. Como é característica de campos de conhecimento que borram as fronteiras epistêmicas constantemente, como literatura e História, a obra em questão reafirma no arranjo narrativo pendular predominante o modo de ser e de estar do texto no contexto. Assim, apresenta um uso recorrente das estratégias discursivas do diário, do registro memorialístico, do ensaio, da prosa poética, do relato de viagem, da crônica, o que possibilita uma clivagem formal e estilística inovadora e transgressora para um debate acadêmico qualificado na atualidade.

Para ponderar sobre a História recorre-se à literatura, para “sonhar” a literatura, retorna-se à História. Desse modo, grandes autores ibéricos da cultura universal são revisitados com frequência, como Cervantes, Pe. Vieira e Fernando Pessoa, numa abordagem ziguezagueante, o que não significa desleixo ou extravagância, pois é próprio da escrita fragmentária, ao contemplar a mirada acadêmica e ao mesmo tempo reforçar as preferências espirituais mais afetivas e efetivas. A ênfase na palavra escrita como paixão pelo e na dimensão do poético, e na poesia como modo de conhecimento humanizante e catártico, tornam o objeto de análise, perspectivando a linguagem como fato estético e histórico, um ente a ser considerado no seu valor intrínseco, num sério exercício de contemplação do existente com as marcas indeléveis de outrora, de uma imaginação sonhadora perante um passado



que reverbera no presente e influencia o futuro. O tempo é móbil, a cultura ou a história sua parceira de contradança. Nesse lance de vista sobre as ações humanas de antanho, preferencialmente pela via literária, iluminam-se os grandes temas que perscrutam a abordagem prevalecente entre o afã estético e o rigor científico, sob a bênção incentivadora dos grandes mestres do passado, especialmente Mircea Eliade e Eudoro de Sousa, vale ressaltar. Mito e História, religião e História, literatura e História incentivam e permitem as instigantes “viagens pelo sublime”. Com um enfoque que inibe os dogmatismos teóricos esterilizadores e empobrecedores dos objetos de investigação que pululam numa paisagem anti-doutrinária, nossos autores excursionam com lepidéz por grandes acontecimentos que marcaram a Península Ibérica, ao apresentarem apontamentos crítico-analíticos instados pela liberdade de reflexão e comprometidos com as verdades possíveis, simultaneamente. Assim, temos o hibridismo cultural marcante da Ibéria, graças à presença fenícia, romana, goda, árabe e africana; os descobrimentos marítimos e a desigual globalização antecipadora, a Europa no Oriente e o Oriente na Europa; a cultura portuguesa de antiga memória colonial hoje na periferia do capitalismo de um continente colonizador por excelência; a cultura brasileira em performance e a dialética da colonização dos trópicos, nas suas conexões ameríndias, africanas e orientais.

Há, ainda, espaço no livro para intensas reflexões sobre uma Ibéria “no litoral do mundo”, que pode ser naturalmente aproximada das grandes civilizações antigas como Grécia e Roma (cultura, filosofia e História), que pode ser abalizada por vizinhos rabugentos quase irmãos siameses (“Jardim da Europa à beira-mar plantado” o/eu “Arras por foro de Espanha”), que pode ver avalizada por um “imenso Portugal” outro chamado Brasil nas suas alteridades múltiplas e contraditórias. Sem falar nas cidades espetaculares visitadas por uma memória viva e percuciente que correlaciona num olhar extasiado e inquiridor a experiência órfica dos analistas que vivem e relatam o “poder ser assim”, ou não, em urbes contagiantes, como Atenas, Lisboa e Brasília, triangulação transistórica e transcultural sob um prisma descolonizado sempre alerta.

Outrossim, em *Os ibéricos*, predomina sabidamente uma visão penetrante sobre a cultura portuguesa, o Portugal de homens de pensamento crítico extraordinário em períodos luminosos do país, como Zurara, ao lado de *flashes* poéticos da



vida cotidiana da Lisboa, cidade milenar, notadamente os bairros da Mouraria e de Alfama. Ressalte-se igualmente um curioso e incomum interesse pela obra literária de José Régio e literária e filosófica de Teixeira de Pascoaes. O “cântico negro” de uma saudade enamorada da literatura e da filosofia. Ademais, é uma constância a alusão a Camões, Pessoa, Saramago, bem como às icônicas referências da história lusa, como documento, como cultura, como antibarbárie, como empenho intelectual, mas também afetoso, tais como Cabo Bojador, Finisterra, Escola de Sagres, carreira da Índia, etc. Para não falar da Espanha, uma presença-ausência no livro, por intermédio das considerações acerca do surrealismo, da novela bizantina do século XVIII, da arte de Goya, da face islâmica da capital de todas as Espanhas.

Vem ao caso mencionar a coletânea de ensaios, *Nós e a Europa ou as duas razões*, de Eduardo Lourenço, grande estudioso da identidade lusitana em condição relativa, porém os autores projetam um exame analítico distinto, com viés modificado estrategicamente. Trata-se de nós brasileiros e os ibéricos, e não apenas os portugueses e a Europa, mas também nós brasileiros e a América Latina, e a África, e o Oriente, mais a Europa; portanto, várias razões, não só as duas apontadas pelo eminente filósofo. Eis um outro modo de nomear o admirável livro em resenha: nós brasileiros e o mundo ibérico e suas adjacências. Os ibéricos, sob a perspectiva brasileira, com suas identidades em movimento, desde agora, desde logo, desde sempre. Assim, de acordo com o exímio ensaísta lusitano e *ibérico*:

Hoje que a própria Europa “europeia” luta desesperadamente pelo seu estatuto histórico e cultural, numa construção de identidade capaz de compensar a sua antiga função de “olhar do mundo”, esta vocação do nosso próprio labirinto peninsular de margem ou de marginalização europeia parecerá singularmente anacrônica. Agora, que só estamos na Europa, para onde entrámos, como tão significativamente se diz, como somos vistos como europeus (e nos vemos),



começando até, em vários planos, a ser reconhecidos como “exemplarmente” europeus. Quem mudou, eles ou nós? Ou ambos? A resposta importa menos que as razões, o estatuto da mudança e as suas consequências. (Lourenço, 1988: 52, grifos do autor).

Nós, brasileiros, e as abissais alteridades culturais, eis o assunto principal deste livro instigante, que chegou recentemente às mãos do leitor ávido por informações históricas e literárias, principalmente da península de Camões e de Cervantes, prospectada sob a perspectiva descentralizada de dois intelectuais dos nossos que observam o “mundo mundo vasto mundo” do lado de cá do Atlântico, mesmo estando lá, “como se o mar fosse mentira”.

BIBLIOGRAFIA

Carvalho, Erivelto da Rocha & Carvalho, Isaque de, 2016, *Os ibéricos. História, liberdade e literatura. Viagens pelo sublime*, São Paulo, Nankin.

Lourenço, Eduardo, 1988, *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.